



Entrevista com

Júlio Marinho

O Ponto Entrevista Júlio Marinho, 1º colocado no concurso de ATRFB e 85º colocado no concurso de AFRFB!

Para mim, Carolina Teixeira, foi uma satisfação dupla entrevistar o Júlio Marinho. Explico:

Em primeiro lugar, porque o Júlio não fez nenhum cursinho presencial; ele estudou exclusivamente por livros e por aulas do Ponto. E, para mim, que faço parte da equipe do Ponto, ouvir histórias vitoriosas de concursandos que confiam no nosso trabalho soa como um elogio, dos grandes.

Em segundo lugar, porque, à medida que eu e Júlio conversávamos, eu me lembrava dos meus próprios estudos e percebia o quanto a nossa estratégia de estudo foi bastante parecida.

O Júlio é mineiro, matemático e, em busca da estabilidade, resolveu dedicar-se a concursos públicos. Lá pelas tantas, com um “empurrãozinho” da noiva, decidiu que queria ser AFRFB (Auditor-Fiscal da Receita Federal do Brasil).

A partir daí, foram muitas horas de estudo. Para você ter uma ideia da seriedade com que ele encarou a preparação, ele assim descreveu o período: “Talvez isolar nem seja a palavra suficientemente forte para descrever a verdadeira hibernação a que me submeti.”. Nas linhas abaixo, o Júlio me conta melhor como foi esse período de preparação intensa para o concurso da Receita.

1) Carol: Júlio, em primeiro lugar, parabéns pela aprovação! Como foram os seus primeiros passos nesse mundo dos concursos? Você ficou muito perdido?

Carol, é até difícil recordar como a história toda começou. Fui aprendendo sozinho, de acordo com o desenrolar dos acontecimentos.

Como sou formado em Matemática, eu dava muitas aulas até 2006 e ainda tinha um cursinho que era voltado para aulas particulares, o que me

consumia bastante. O negócio era promissor, mas, casualmente, quando soube que alguns conhecidos meus tentariam um concurso para técnico (nível médio) do IBGE, resolvi, sem muitas pretensões, arriscar-me também. Felizmente, passei na última vaga (14º) em Belo Horizonte, e por lá trabalhei por 2 anos e meio.

Depois de passar no IBGE, ficou impossível conciliar minhas aulas, meu cursinho e o cargo público. Então, tomei a decisão de seguir definitivamente para o ramo do serviço público, por três fatores: o salário, a estabilidade e a consciência de que não dependeria de nada, além de meu próprio mérito, para conseguir ser aprovado em um concurso melhor. Nesse momento, acabei por deixar temporariamente a Matemática de lado, certo de que voltaria assim que cumprisse o projeto de passar em um ótimo concurso.

Antes de decidir-me por tentar o concurso para AFRFB, fiz vários concursos para TRF's. Por um lado foi bom, porque tive bastante contato com a literalidade das leis e da Constituição e fui apresentado ao Direito.

Mas, por outro lado, foi muito ruim, porque mesmo conseguindo resultados muito bons, não era chamado, uma vez que todos esses concursos que fiz eram para formação de cadastro de reserva. Ficava sempre na expectativa de ser chamado, acreditando nos boatos de que chamariam logo, e, aliado ao fato de não estar satisfeito em meu trabalho, toda essa espera tornou-se uma tortura para mim (visitava o DOU quase todos os dias).

A partir desse momento, decidi fazer um concurso com vagas disponíveis, de carreira motivante e com um ótimo salário. Sempre achei muito interessante o concurso da AFRFB, mas, algumas vezes, li o edital de 2005 e concluí que seria impossível saber tudo aquilo. Acabava desistindo antes mesmo de começar.

Enfim, a Julia, minha namorada (atualmente, noiva), "ficou no meu pé" para eu tentar o concurso e essa força foi fundamental para eu me arriscar. Foi quando iniciei todo o percurso de estudo para o concurso de AFRFB, em junho de 2008.

2) Carol: Você me disse que, durante a sua preparação, você não assistiu a nenhuma aula presencial ou a video-aulas. Disse-me que estudou exclusivamente por livros e pelas aulas do Ponto. Por que? Foi uma boa escolha?

Olha, Carol, não tenho dúvidas em dizer que o fato de ter estudado sozinho foi um dos meus principais acertos em todo o processo do concurso. Isso porque eu soube compreender qual a forma de estudo seria mais objetiva para mim. Afinal, todas as informações convergiam para que o concurso saísse logo e eu ainda estava na linha de largada.

É claro que essa é uma decisão muito particular, porque cada pessoa aprende de uma forma diferente. Conheço pessoas que gostam de escutar aulas gravadas ou fazer cursos presenciais/tele-presenciais e obtém êxito. Mas, definitivamente, não serviria para mim. Sempre que assisto a aulas, sinto que estou perdendo tempo, que a aula não é objetiva e que poderia ganhar mais tempo se estivesse lendo um material adequado. Na leitura, posso ser mais objetivo lendo rapidamente as partes de fácil assimilação ou

ir mais lentamente em algum ponto com mais detalhes ou de maior complexidade.

Desde os tempos de escola, eu já não conseguia manter o foco quando os professores davam aula. Quando fiz os concursos para os TRF's, cheguei a fazer alguns cursos presenciais em BH, mas apenas ratifiquei esse meu perfil de aprender melhor pela leitura.

Claro que aprender só lendo exige uma escolha adequada dos materiais. Segui a lista de materiais do Alexandre Meirelles e, durante minha jornada, comprei praticamente todos os livros elencados, além de vários outros (comprei 25 livros ao todo). Além disso, fiz vários cursos do Ponto dos Concursos e acompanhava as colunas da área aberta de vários professores, o que foi ótimo também.

Claro que não acertamos nas escolhas de todos os materiais, mas hoje há muitas informações e é fácil descobrir quais são os mais recomendados (no forumconcurseiros, por exemplo, há vários tópicos sobre materiais). Assim, a chance de adquirir um ótimo livro ou curso é alta.

Hoje, há vários excelentes professores especializados em concursos e que praticamente conversam com você durante a leitura. Isso torna o texto agradável e o estudo flui rapidamente.

Enfim, acho mesmo que o importante é saber entender qual o processo funciona melhor para cada um, de forma a tornar o estudo mais produtivo.

3) Carol: Júlio, como você fez para conciliar o convívio familiar e os estudos? Você é do tipo que se isola do mundo para estudar, ou tenta manter as duas coisas, paralelamente?

Talvez isolar nem seja a palavra suficientemente forte para descrever a verdadeira hibernação a que me submeti.

Eu cortei praticamente toda a vida social e só me permiti sair em situações realmente excepcionais. É claro que isso causa alguns constrangimentos e a maioria das pessoas não entendem o quão duro e difícil é o processo de passar em um concurso tão puxado.

Aqui, tenho que ressaltar toda a força e compreensão fornecidas pelos meus pais, meu irmão, minha cunhada e, sobretudo, minha noiva. Não é nada fácil perder 1 ano e meio de convivência para um monte de livros.

É certo que, se eu tivesse começado a estudar antes ou se não trabalhasse, conseguiria conciliar saídas e atividades físicas regulares com o ritmo de estudos. Mas o prazo para o concurso era incerto e temia que a prova chegasse antes de eu conseguir percorrer todas as matérias, o que tornaria todo o meu esforço em vão. De novo aqui, cabe a individualidade de cada um e depende também muito do tempo de que se dispõe para estudar e do tempo que falta até a prova.

No fim, vi que fiquei mesmo bem bitolado nos estudos, mas valeu o esforço. Nessas horas, lembrava sempre de uma coluna da professora Claudia Kozlowski, que dizia que, quando o concursando está meio bitolado, associando tudo que lhe falam a concurso, é porque ele está no ponto de passar.

4) Carol: Você trabalhava durante sua preparação. Foi difícil conciliar os estudos e o trabalho? Como era a sua jornada diária de estudo?

Eu chegava em casa por volta das 18h. Era o tempo de lanchar, dar um "oi" para meus pais e, às 18:40h, já pegava no batente.

Seguia em dois turnos (2:30h e 1:30h), fazendo um intervalo entre eles de 20 a 30 minutos. Normalmente, em cada turno estudava uma matéria, para que o rendimento continuasse alto. O meu foco sempre se renovava quando mudava a matéria que estava estudando.

Nos finais de semana, estudava 8h no total, normalmente 4h no sábado e 4h no domingo. No final, comecei a puxar um pouco mais no sábado com 6h e só complementava com algo mais leve com mais 2h no domingo.

Segui essa rotina com uma programação de estudos de forma bem rígida. Mas é claro que há pequenas variações no horário, dependendo do ritmo de cada dia. Lembro que, nas sextas-feiras, conseguia estudar até 6h, adentrando um pouco na madrugada porque, no sábado, poderia dormir até um pouco mais tarde.

Ocorria também de focalizar mais em uma matéria quando ela estava terminando, para que pudesse concluir rapidamente mais uma etapa.

Toda essa programação valeu quando trabalhava no IBGE (até maio de 2009) e quando fiz o curso de formação em APOFP-SP, de agosto a outubro de 2010.

Durante os 5 meses que tive só por conta dos estudos, fazia um ritmo de 8 horas líquidas por dia, sem contar o último mês, em que chegava a estudar até 12 horas por dia para conseguir estudar as novas matérias e manter as antigas.

5) Carol: Você acha importante conhecer o "estilo" da banca examinadora? Você fez muitas provas anteriores da ESAF?

Conhecer o estilo da banca é mais que importante, é primordial. Há vários tópicos em que os entendimentos entre doutrinadores são divergentes. E, na hora da prova, o que interessa é marcar a opção correta, de acordo com o entendimento adotado pela banca organizadora, ainda que o conceito não seja o mais aceito.

Vejo muitas pessoas brigando com a banca organizadora após a prova. Não acho que essa seja uma boa atitude, simplesmente porque não adianta quase nada. Diante de uma questão mal formulada ou dúbia na prova, vale muito mais acertar a questão do que depender de recurso (e não são poucos os casos em que questões falhas não são anuladas). E, nessas horas, o seu índice de acerto depende do quanto você conhece o estilo da banca, de quantas questões anteriores fez, de saber responder quase que por instinto.

Acho que, para o candidato estar muito bem preparado a ponto de passar, ele tem que estar também preparado para sofrer algumas "rasteiras" da banca, com questões estranhas e duvidosas, e ainda sim, não ser eliminado. Por isso, não dá para estudar apenas na conta do chá. Não há

dúvidas que é melhor passar no concurso e depois contar as histórias de uma questão absurda que não foi anulada que ter que depender da anulação de tal questão para fugir de uma eliminação. É claro que o melhor seria que todas as provas fossem perfeitas, mas não é assim que acontece. Sempre há alguns erros e temos que ter uma gordura para suportar tais imprecisões e mesmo assim conseguir êxito.

O meu estudo foi totalmente focado para a ESAF e para as matérias do edital de AFRFB-2005. Evitei fazer questões de outras bancas, até mesmo para não confundir os estilos.

Assim, fiz praticamente todas as provas anteriores da ESAF que consegui baixar na internet. Com isso, pude, inclusive, ver a evolução da banca no tempo em diversos sentidos. Para disciplinas como Português e Inglês, fiz mais de 40 provas de cada uma. Foi o pilar da minha preparação nessas matérias. Depois de tanto treino específico, passei a responder as questões instintivamente, por conhecer bem o estilo de perguntas e respostas da banca (no caso a ESAF).

6) Carol: Como você dividia o seu estudo entre teoria e exercícios? Primeiro estudava toda a teoria e só depois fazia exercícios, ou intercalava os dois?

Normalmente, o meu padrão de estudos era primeiro teoria e depois exercícios. Mas, quando o livro ou curso pelo qual estudava apresentava exercícios após algum capítulo ou aula, eu fazia os exercícios sim.

Como disse, em matérias como Português e Inglês, meus estudos foram praticamente só por meio de exercícios. No entanto, para a maioria das matérias, privilegiava terminar a teoria o mais rápido que pudesse, para começar uma nova, até concluir o edital. Isso porque é sempre um alívio saber que o conteúdo de determinada matéria já foi visto.

Após terminar cada matéria, a manutenção era feita com muitos exercícios da ESAF e algumas releituras e resumos dos pontos que iam ficando esquecidos na memória. Esses pontos de revisão eram indicados pelos próprios exercícios que fazia, ao perceber em quais tópicos precisava reforçar os estudos.

7) Carol: Como você reagiu ao saber das matérias novas, inéditas? Você começou a estudá-las antes mesmo da divulgação do edital (com os boatos) ou esperou uma decisão oficial?

Não estudei pelos boatos, apenas parei de estudar Informática e Direito Internacional Público, matérias que, segundo os boatos, não seriam mais cobradas. Felizmente, isso acabou acontecendo mesmo e pude ganhar algum tempo nas outras matérias antigas com os exercícios.

À época do edital de 2009, já havia terminado todas as matérias do edital de AFRFB-2005 e pude dedicar-me às matérias novas.

A princípio, fiquei assustado com todas as matérias novas que deveria estudar: Auditoria, Administração Pública, Raciocínio Lógico-Quantitativo,

Direito Civil, Direito Penal, Direito Comercial, além de Finanças Públicas, que teve o edital praticamente refeito.

Mas, aí, tirei 2 dias para fazer um novo planejamento e comecei a estudar uma a uma, por livros e pelos cursos do Ponto.

Dediquei na faixa de 60% do tempo para as matérias novas e 40% para as matérias antigas, porque disciplinas como Contabilidade, D. Tributário e D. Constitucional são muito grandes e exigem um contato contínuo com a matéria.

Nesse ritmo, faltando praticamente uma semana para a prova, consegui cumprir todo o conteúdo. É claro que isso só foi possível porque eu já tinha conseguido estudar as matérias anteriores, que possuem grande peso e importância no concurso. Seria praticamente impossível aprender Contabilidade, D. Tributário e Constitucional em apenas 3 meses. Por isso, é importante ter um planejamento prévio e já estar bem afiado nas disciplinas que formam os pilares do concurso para a área fiscal.

8) Carol: Como você fez para se preparar para as provas discursivas? Você chegou a ter medo de enfrentá-las?

Carol, medo eu tive sim, porque temia perder a vaga pelas discursivas. Eu nunca tive dificuldade para escrever, mas, em contrapartida, havia muito tempo que não escrevia.

Na prova para auditor seriam 6 redações e sempre há pontos em que você não se sente tão seguro para discorrer a respeito. Para a prova de analista eu fui tranquilo, porque estava com toneladas a menos nas costas após a prova de auditor. A questão foi complexa e exigia conjugar várias informações no texto. Felizmente, acabei indo bem porque gastei uns 40 minutos pensando no texto, em como colocar tudo de forma organizada, antes de partir para a escrita propriamente dita.

Eu fiz os cursos do Ponto, o on-line com correção e o presencial em BH. Ambos foram muito positivos, pois os professores eram experientes nesse tipo de avaliação. Consegui ficar mais tranquilo e pude perceber que eu não era o único que percorria um caminho de incertezas.

Eu também estava com medo do meu cansaço, depois da prova objetiva eu era um verdadeiro "bagaço humano". Por isso, antes de tudo, fiz um trabalho de recuperação mental, me conscientizando do que era a prova discursiva, das técnicas de escrita etc.

9) Carol: Nas provas discursivas, você focou no estudo do conteúdo das matérias ou na forma das discursivas (técnicas de escrita, por exemplo)?

No início, eu privilegiei as técnicas de escrita, escrevendo sobre alguns temas indicados pelos professores e outros que eu mesmo criava.

O que foi muito positivo foi trocar redações por e-mail com dois colegas que tinham feito o CF de APOFP-SP comigo (Patrick Nogali, que passou em 195º e Letícia Tojer, que passou em 2º). Nós crescemos bastante com as trocas de redações. Ao mesmo tempo que você ganha opiniões imparciais a respeito de seu texto para poder melhorar, você também tem a

oportunidade de ler outros textos sobre o mesmo assunto, comparando estilos, observando pontos positivos e negativos que lhe auxiliam a melhorar o seu próprio estilo de escrita.

O mais importante ao escrever é ter uma boa consciência textual e ser humilde para pegar as dicas com professores experientes, pois, por mais que pareçam singelas as orientações, refletem os erros mais comuns em redações.

Especificamente para a prova de auditor, no final fiquei lendo mais teoria, reforçando alguns pontos importantes, mesmo porque é impossível escrever bem sem conhecer bem o conteúdo. Não adianta muito saber ótimas técnicas de redação se você está deficiente no conteúdo que lhe é perguntado.

10) Carol: Você descansou algum período entre a realização das provas da primeira fase e os estudos para a segunda fase?

Não descansei nada, mas também não consegui estudar no mesmo ritmo de antes. Na verdade, fiquei bem aquém do meu ritmo anterior.

Estava tão desgastado, que apenas tentei recuperar a força mental e concentrar-me nas técnicas de escritas e no tempo de passar o texto definitivo (acabou que, embora não seja recomendado, por receio de não dar tempo, fiz as minhas redações diretamente à tinta).

Fiz uns 20 textos no início, mas depois senti que era preferível reduzir um pouco o ritmo a tentar estudar mais do que o meu limite e correr o risco de não chegar inteiro no dia da prova. Acho que foi uma escolha acertada, porque cheguei no dia da prova bem concentrado e tranquilo, além de ter tomado todo o cuidado para escrever de uma forma adequada, com objetividade e com forte embasamento nos argumentos.

11) Carol: Que aspecto você considerou fundamental para sua aprovação?

Olha, eu poderia colocar vários pontos, como ter estudado sozinho e só por leitura, ter me especializado no estilo da ESAF ou ter feito um planejamento de estudos adequado.

Claro que foram muito importantes para mim, mas talvez não funcione para outros concursandos. Lendo as entrevistas anteriores (Gisele, Carlos, Patrícia, Marcelo e Nádia), ficava pensando também na minha preparação e como muitos aspectos eram diferentes. Cada um tem a sua realidade, sua forma de estudo. A pessoa tem que verificar o que funciona melhor e seguir no caminho que acredita ter mais chances de sucesso para basear sua metodologia de estudo. Como exemplo, lembro que algumas pessoas chegaram a estranhar o fato de eu estudar sozinho matérias com as quais nunca havia tido contato, como Contabilidade e os ramos de Direito. Mas eu tinha consciência que com um material adequado poderia aprender sozinho e, por isso, não dei tanta bola para essas opiniões. Acreditar em si mesmo e no seu método de estudo é fundamental.

Por isso, acho que os fatores fundamentais e que são comuns a todos que passam em um concurso tão concorrido é a determinação extrema e humildade para estudar inclusive aquelas matérias que consideram já saber bem. Não adianta a pessoa ter um excelente planejamento ou propor-se a fazer vários exercícios anteriores, mas não seguir com afinco no propósito. É preciso estudar bastante mesmo, porque o nível das provas e dos candidatos é cada vez maior.

Acho que, para passar em um concurso, há, simultaneamente, uma grande dificuldade e uma grande facilidade. É difícil por ser muito árduo todo o caminho a percorrer para conseguir aprender tanta matéria, sobre tantas coisas diferentes.

Por outro lado, acho que há um fator de facilidade. Passar no concurso é uma tarefa cujo sucesso depende exclusivamente de você. Ou seja, não depende da boa-vontade ou do favor de ninguém, não depende dos outros candidatos, não depende sequer da banca. Acredito que se a pessoa efetivamente se dedica aos estudos para um concurso, inevitavelmente ela obterá sucesso. É só mesmo uma questão de tempo.

12) Carol: E, se você tivesse que apontar um erro durante a sua preparação, qual seria ele?

Acho que seria ter me isolado tanto. Durante a saga dos estudos, não soube medir quando poderia me dar um descanso. Por isso, fiquei bastante cansado após todo o processo.

É claro que, por não sabermos o que vai acontecer na prova, é preferível exagerar nos estudos a correr o risco de estudar menos e morrer na praia.

Mas nem disso me arrependo tanto, porque consegui alcançar meu sonho de passar na Receita Federal.

13) Carol: Se, em vez de assumir o cargo na Receita, você recebesse, hoje, a incumbência de orientar os estudos de um candidato que está iniciando os seus estudos, quais seriam as suas orientações?

Carol, vou tentar ajudar da melhor forma os concurseiros, pois muita coisa do que li durante a minha caminhada foi bastante útil. Eu acho que poderia até escrever um testamento para tentar orientar um concursando no início dos estudos. Mas são os aspectos mais simples que determinam a vitória lá na frente.

Primeiramente, a pessoa tem que saber o que quer em termos de concurso público. Se quer área de gestão, área fiscal, área judiciária etc. Sem saber o que se quer, é difícil até mesmo começar. Ficar tentando um tipo de concurso diferente a cada edital que sai na praça não ajuda a manter o foco necessário para a aprovação na área ou concurso que se deseja. Tenho alguns amigos muito capazes, mas que ficam patinam um pouco nas provas exatamente porque não conseguem se focar apenas em uma área de estudo.

Depois, a pessoa tem que se inteirar do mundo que cerca sua escolha: livros, bancas que comumente organizam o certame, cursos mais indicados etc. Para isso, a internet é fundamental. Há vários sites especializados para que a pessoa se familiarize com o mundo no qual está entrando.

Após conhecer o terreno em que caminha e qual o objetivo, a pessoa tem que decidir se tem o perfil de comprometimento necessário para passar naquele concurso. Li uma coluna do Alexandre Meirelles uma vez, que é bastante simples e interessante. O tema era sobre a diferença entre o concurseiro compromissado e o concurseiro interessado. O primeiro assume a causa e corre atrás do sonho com todo o comprometimento necessário ao seu alcance. Sabe dizer não para um tanto de coisa, porque mantém o foco na sua aprovação a qualquer custo. O segundo tipo deseja um cargo de trabalho interessante e de ótimo padrão salarial, mas não possui o perfil de comprometimento necessário para o seu alcance. Às vezes estuda, às vezes não. Não dá uma seqüência firme aos estudos e acaba frustrando-se.

Se você é do tipo que é comprometido, ou seja, quer passar e está disposto a estudar o suficiente para alcançar tal objetivo, a aprovação torna-se apenas uma questão de tempo. Sem dúvida, a dedicação é o fator mais determinante para a aprovação.

A partir daí, o concurseiro deve perceber qual método de estudo funciona melhor com ele, considerando as suas características de aprendizagem, seu tempo disponível, além de outros fatores pessoais, como se possui família, filhos etc. Nesse momento, é legal fazer um planejamento refletindo as matérias mais importantes, que devem ser estudadas inicialmente, a carga horária despendida por dia aos estudos, os primeiros livros e cursos a serem comprados etc. Esse planejamento pode ser modificado ao longo do tempo. Eu mesmo fiz várias adaptações no meu planejamento para adequar a uma nova situação em que me encontrava, a fim de obter resultados mais rápidos e eficazes nos estudos.

Depois desse ponto, não tem mais segredo. É estudar muito, mas muito mesmo, sem desculpas. É aqui que fica o grande diferencial entre os candidatos: o quanto se estuda com qualidade. Quanto mais o ambiente for favorável e mais concentrado a pessoa estiver, menos tempo ela gasta para aprender alguma coisa. Havia dias que estudava 2h e valiam muito mais que outros em que estudava 4h. É porque estava mais concentrado e com mais gás. Em um dia em que se está muito cansado, vale a pena estudar menos tempo para garantir a qualidade e dormir mais cedo para tornar o dia seguinte mais proveitoso nos estudos.

Por último, teve uma coisa importante que eu levei de lição: administrar a confiança durante os meus estudos. Como estudava sozinho, fiquei um tanto quanto incomunicável em relação aos outros concurseiros. Oscilava bastante entre dias de pessimismo e otimismo no alcance da aprovação. Um dia, achava que iria passar bem no concurso, no outro, pensava que não passaria, porque ainda não estava bom em determinada matéria. Essas alterações na confiança fazem parte do processo, temos que saber lidar com isso e seguir em frente nos estudos. Eu sempre tentava manter uma atitude compensatória. Quando ficava naturalmente otimista, tentava me conscientizar que faltava melhorar em vários pontos e que, por isso, não tinha motivos para ficar tão otimista. Isso me dava gás para reforçar os estudos. Ao contrário, nos dias em que estava pessimista, tentava lembrar

de tudo que já sabia e no rendimento positivo que obtinha nos exercícios. Novamente, conseguia recuperar o foco para intensificar os estudos.

14) Júlio, uma última pergunta, que eu acredito ser de interesse de muitos candidatos. Já que você estava estudando especificamente para o concurso de auditor, como fez para se preparar nas matérias exclusivas do concurso de analista?

Como minha preparação foi toda voltada para o concurso de auditor, só pude pensar nas disciplinas referentes à prova de analista no intervalo de uma semana entre as provas objetivas dos dois concursos.

Depois da prova objetiva de auditor, estava tão esgotado que cogitei a não ir fazer a prova de analista. Felizmente, abortei essa idéia e tentei fazer o que era possível nessa semana de intervalo, a fim de que pudesse obter êxito na prova. Afinal de contas, não havia nada a perder e sabia que, se conseguisse fugir dos mínimos das matérias novas, poderia compensar nas demais disciplinas.

As disciplinas diferentes eram: Administração Geral (ADM), Direito Internacional Público (DIP) e Administração Financeira e Orçamentária (AFO). A minha preocupação era, obviamente, não ser eliminado do certame, já que toda disciplina exige um mínimo de pontuação.

Então, tive que fazer a escolha de não estudar DIP e AFO, por alguns motivos. Para DIP, eu já havia estudado uma parte do que se cobrava no edital de analista, pois essa matéria pertencia ao edital de AFRFB 2005, que foi toda a base do meu estudo. Além disso, DIP seria cobrado juntamente com Comércio Internacional, matéria também cobrada na prova de auditor, o que me ajudaria a alcançar a pontuação mínima.

Entre AFO e ADM, preferi abandonar AFO, uma vez que já tinha um pouco de conhecimento, fruto dos meus estudos para os TRF's. Além disso, era uma matéria que possuía alguns pontos de contato com a nova prova de Finanças Públicas de auditor. Achei que a chance de me safar em AFO seria superior a ADM.

Restou-me a opção de estudar ADM nessa semana de intervalo e, pude ver, que, apesar de bastante conceitual, a matéria era intuitiva.

Fui, então, para a prova e tive a grata surpresa de ir muito bem. Mas há alguns pontos muito importantes a destacar e que me favoreceram na hora da prova.

Em primeiro lugar, valeu muito ter já feito muitas questões anteriores da ESAF. Por diversas vezes, nessa prova, acertei as questões instintivamente, pois já conhecia bem o estilo de questões da banca. Você acaba treinando tanto que olha para as opções de uma forma diferente.

Também contou o fato de estar com uma carga de tensão bem menor, uma vez que já havia feito a prova para auditor, que era meu grande objetivo. E estar tranquilo é sempre um fator que favorece bastante.

Por último, como já li em uma coluna do Vicente Paulo, há um dia em que tudo dá certo. Parece que é mesmo o seu dia. Você vai tranquilo, está mais focado e inspirado que o usual e, por isso, consegue um desempenho muito

bom. Claro que só podemos usar esse dia favorável se já houve uma grande dose de preparação anterior com muito estudo.

Júlio, agradeço a sua disponibilidade em me conceder essa entrevista, entre várias provas e compromissos no curso de formação. Desejo a você toda a felicidade do mundo na Receita Federal!

Carol, agradeço a oportunidade de passar um pouco da minha preparação aqui no Ponto dos Concursos. Na minha caminhada, foram importantes os depoimentos de concurseiros vitoriosos para ver como tudo é possível, basta ter a dose certa de trabalho e tempo.

Desejo sucesso e muito estudo aos concurseiros do Brasil. Aproveito também para deixar um grande abraço para o pessoal que fez Curso de Formação comigo em Fortaleza. Fiz vários amigos lá e foram momentos que guardarei com muita saudade. Deixo, ainda, o meu email, caso alguém queira fazer contato: juliodoponto@gmail.com .